

Rabugices de velho

A' Srinha Yvonne Daumeri

SE alguém se desse aqui no Brasil, o trabalho de traduzir em letra de forma as charlas que por ahí se ouvem á rodo nos bondes,

certo, tornaria-se-hia o maior satyrico da época. Isso explica o existirem pessoas de muito bom gosto cujo melhor divertimento é ir sapear as conversas de bonde.

No outro dia assisti a uma dessas conversas e que devéras muito me impressionou. Falava-se de dansas. E' hoje moda. Um sujeito gordanchudo, especie de conselheiro Acacio, gesticulava pausadamente e pronunciava de momento a momento os vocabulos fataes, commentario unico que ousava interpor ao escapello do tango e do fox-trot:

— E' uma indecencia, uma indecencia.

Palavra, que me compadecei da «indecencia», tanto que me vieram ganas de me postar a seu lado contra os que com tanto desprezo a tratavam. Não tive coragem. Também não tive coragem de continuar no bonde a ouvir rabugices. Deixei Rabellais e Accacio e puz-me a ruminar sobre o que ouvira dizer.

Conclui afinal muito a meu pesar, que a rabugice é uma consequencia natural da evolução. Já em 1752, no Tijuco, nos salões do contractador dos diamantes, uma personagem de Affonso Arinos, Diogo Suarez, censurava a valsa por immoral e collocava-a em escala muito abaixo da *seguidilha*, da *malaguena*, da *jóta* e quejandas como hoje, os bonecos de Sévres do sr. Julio Dantas, se lembram com saudades dos tempos de Mme. du Pompadour. Naquella época, também deveriam existir casmurros da theoria fossil do *Extremagandii luctus occupat*. De feito, quem folhear a «Nova Floresta» do padre Bernardes encontrará o terrivel anáthema contra os dansantes:

«Que o que baila e dança tem parte de louco e furioso», dizia elle, «basta vel-o de fóra para confessal-o. Aquelles mesmos movimentos de corpo tão varios, tão ligeiros, tão violentos, tão affectados, estão indicando que o sizo está movido algum tanto do seu assento. Muito mais quando a pessoa solitaria decóra as licções deste exercicio; porque estudar com grande applicação e cansaço a ser louco, quem duvida que é maior loucura?»

Já nos primeiros quartéis do seculo passado os pares que ensaiavam a valsa e a contradansa nos salões *chics* da Europa, tinham contra si os apologistas do minueto, da gavotta, da farandula, da sarabanda,

da pavana, da seguidilha e que sei eu?...

Veio a polka que tudo revolucionou, sepultou em breve a contradansa e trouxe consigo a mazurka, a schottisk, a varsoviana e outras. Foi ainda maior o berreiro dos antidiluvianistas.

Soou emfim para a dansa, como para tudo a hora dos Estados Unidos. A principio sua influencia foi timida. Limitou-se a fazer innovações na valsa e na quadilha. Pouco a pouco foram surgindo os *cake-walk*, os *one-step* e os *fox-trot* que coadjuvam com succes-

so o que chama Stead, a americanisação do mundo. E a gritaria subsiste, com maior vigor, talvez, do que nunca.

O impagavel é que todos os inimigos da dansa são como o homemsinho do bonde, rugem, bramam contra ella o que não os impede de confessar o terem-n'a praticado na mocidade. Porque afinal por menos «indecentes» que fossem as dansas antigas tinham igualmente contra si, a casmurrice dos velhos rabugentos do tempo.

Os inimigos da dansa de hoje são semelhantes aos ascetas *fin de siècle* de que fala Pompeyo Gener e que tiveram sua época em Paris, os quaes a despeito de todo o seu idealismo renunciador devoravam succulentos *bifteaks* ou *au berre d'anchoies*, regando-os com aromatico Bordéus e fazendo-os preceder dos classicos *escrevisses en buisson* ou das verdes ostras de *Marenes*.

São todos dessa estofa. Depois de luxar e pandegar á regalone, chegados que foram á placidez accaciana observada por mim no companheiro de banco, cahem de unhas e dentes sobre os que ainda permanecem no estado por que elles proprios passaram na mocidade. Ao menos deixassem em paz os coitados... Mas não deixam.

Sergio Buarque
de Hollanda.

São Paulo, 10 de
Agosto de 1920.

Ja "A Cigana"

1: numero de

Setembro de 19